

A escrita do que não há?

Francisco José Bezerra Santos¹

A lição de 09.01.73 do seminário “Encore” publicada na versão estabelecida por J.A Miller traz o título “ A função do escrito”¹. Certamente é algo que deveria remeter à instância, instância da letra ², um dos escritos de Lacan aqui lembrado. Neste dia avançou-se um pouco mais na concepção, que ainda permanece em trabalho, sobre o que é a letra e o escrito na psicanálise. Ressalto que texto do “Encore” aqui utilizado foi aquele publicado pela ELF em 2010.

Lembrar que tudo o que é proveniente da experiência humana passa pelos registros SIR ³ talvez facilite estabelecer os termos deste avanço. Se o significante “letra” é o mesmo significante tanto quando se refere ao texto impresso ou à escrita psíquica, há todo um esforço de sustentar uma diferença que parece ser exigida a cada vez que este tema é novamente suscitado.

Parto do comentário de que o significante, a exemplo do significado, nada tem a ver com a audição, com a percepção auditiva. Momento precioso onde se mostra o abuso que cometemos quando equivalamos a imagem acústica ⁴ à palavra. Talvez nem mesmo “imagem acústica” seja uma expressão feliz, pois ao marcar a diferença, Lacan nos surpreende com uma nova leitura do significante “*leitura*” que seria “*a saber: do que se ouve de significado. Mas o significado, justamente, não é o que se ouve, o que se ouve é o significante. O significado é o efeito do significante*”⁵.

Considerar esta referência implica pensar que a entrada do sujeito no campo do simbólico pode até prescindir da audição. Ser banhado no riocorrente dos significantes que afluem do Outro diz de um sujeito de duas dimensões ⁶, superfície estendida no espaço ⁷ onde os significantes escorrem. Vestígios vão se constituir nesta superfície e então, podemos pensar a psicanálise como uma práxis de uma outra leitura e uma outra escrita.

Um escrito psicanalítico _ que não é o escrito que se produz numa análise_ também é efeito do discurso, discurso enquanto laço, discurso analítico ⁸. Com a lacanização do algoritmo de Saussure, a barra entre significante e significado é destacada e Lacan se apropria dela para assinalar o que é do escrito. Não se trata de um escrito qualquer. Se não é o escrito produzido enquanto letra pelo analisante, como já foi dito, certamente é um escrito efeito do discurso analítico. Que não seja para ser compreendido, como ele afirma ⁹, isto não significa que o abandonemos, mas que ele cause um trabalho de leitura. Comentar um texto psicanalítico não é sem relação à experiência da própria análise ¹⁰. Ilegibilidade como o umbigo do sonho. Produção de novos escritos que tangenciam este ponto de impossibilidade. Real.

A barra é a chance de haver escrito. Se não houvesse barra, não haveria também sujeito barrado. Algo da suposta ligação natural entre as palavras e as coisas já havia sido perdida ao tempo de Saussure, mas esta perda, com Lacan, também pode ser referida a uma

¹ Membro da Escola Letra Freudiana.

perda de gozo que a barra sobre S de sujeito exige. Possibilidade do equívoco e se há significante que passa sob a barra, é possível haver análise. E poesia...

Nesta lição Lacan ensaia colocar em letras um ponto crucial articulado pelo discurso analítico: não há relação sexual ¹¹. Esta não relação, ele nos diz, vai se sustentar exatamente pelo escrito, pois “*a relação sexual não pode se escrever*” ¹². O surpreendente é que Lacan vai chegar a escrever a relação sexual exatamente para mostrar a sua impossibilidade. Temos, então, que não há relação sexual e não podemos escrevê-la, mas Lacan força uma escrita e propõe, ainda que não sustente tal proposição: xRy onde x é o homem, R é a relação sexual e y a mulher ¹³. A impossibilidade de fazerem Um talvez pudesse ser escrita como $x + y / n_1 + n_2 + n_3 \dots$ onde n seria a variável “não toda” submetida à função fálica singular a cada mulher.

Há que lembrar que “relação” também poderia ter o sentido de proporção, equivalência. Lacan vai colocar suas letras a trabalhar e dirá que o que se sustenta sob a função do significante_ seja homem ou seja mulher_ são apenas significantes. E logo depois afirma que o discurso analítico demonstrou que a mulher só pode ser tomada na relação sexual enquanto mãe. O que ele queria dizer com isto?

Uma tentativa de resposta com letras. Se do lado da mulher algo escapa à função fálica, ou seja, do significante e da barra, a letra \$ (S barrado) não a escreve por inteiro. Aí temos o sujeito, o sujeito e seu fantasma: $\$ \langle \rangle a$. A mãe, ou melhor, a mulher enquanto mãe só tomará a enquanto filho ou equivalente (a lembrar a equação freudiana: pênis e bêbe se equivaleriam ¹⁴). A mulher enquanto mãe ressalta a condição de que os filhos são os seus objetos a ¹⁵. Para um homem, ela se permitiria ser tomada enquanto a, não ocupando, para ele, o lugar do sujeito.

Do lado homem, a posição deste será enquanto \$ e assim não encontraremos nenhuma equivalência:

$$\begin{array}{cc} \square & \$ \rightarrow a \\ & M \quad F \end{array} \qquad \begin{array}{cc} \bar{\square} & \$ \rightarrow a \\ & F \quad M \end{array}$$

Não há relação, proporção, equivalência como não existe a relação intersubjetiva. Cada sujeito se dirige ao que causa desejo no seu fantasma.

Regressando à escrita que Lacan propôs e substituindo, conforme sua indicação, x por homem e y por mãe, tal relação seria, então, o incesto. Entraríamos no campo do não Édipo, da não diferença entre os sexos e as gerações e, portanto, menos ainda seria possível pensar na relação sexual no campo da neurose. Algo da impossibilidade desta relação, Lacan já anunciava quando trouxe o poema de Tuda para o seu texto de 1953: “*Entre o homem e o amor, existe a mulher. Entre o homem e a mulher, existe um mundo. Entre o homem e o mundo, existe um muro*”. ¹⁶

Notas e referências bibliográficas:

1. Na versão estabelecida por J.A. Miller, a aula de 09.01.1973 é intitulada “A função do escrito”. JZE pg.38. Na data de 16.01.73 (versão ELF) Lacan diz que na aula anterior foi formulada “*a função do escrito (...) um de nossos pontos-polo*” p .107.

2. *“Se no próprio Saussure (...) foi graças a isso que na “Instância da letra, que faz parte dos meus escritos” . Encore. Versão ELF pg. 101.*
3. *“Três registros bem distintos que são, efetivamente, os registros essenciais da realidade humana e que se chamam simbólico, imaginário e real” .Lacan Nomes do pai. JZE p.12.*
4. *“O significante também não tem a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, a saber: do que se ouve de significado” . Lacan, Encore. Versão ELF p. 100.*
5. Relativizando a afirmação anterior, ele diz *“o significado, justamente, não é o que se ouve, que se ouve é o significante. O significado é o efeito do significante” . Idem p. 100.*
6. *“(...) existem três dimensões do espaço habitado pelo falante (...). Como eu as escrevo se chamam o Simbólico, o Imaginário e o Real” . Seminário. “Os não tolos erram” aula de 13.11.73. Inédito pg. 3. No sem. “..Encore”: “Os nós em sua complicação, são feitos para nos fazer relativizar as pretensas três dimensões do espaço, fundadas somente na tradução que fazemos de nosso corpo em um volume de sólido” . Versão ELF p. 261*
7. Uma indicação freudiana a apoiar a idéia de um sujeito “chato”: *“Nossa hipótese de um aparelho psíquico estendido no espaço...” . Esboço de psicanálise. AE 23 p. 198.*
8. Possível pensar um texto psicanalítico a partir da observação de Lacan nesta lição: *“Existe algo que não é senão o efeito do discurso, efeito do discurso enquanto tal, isto é, de alguma coisa que funciona já como laço” . Encore, versão ELF pg. 100.*
9. *“(...) escrito não é para ser compreendido” . Encore, versão ELF pg 100. “Temos bastante orgulho, saiba-se disso, deste poder de ileitura que soubemos manter intacto em nossos textos” . Lacan, resumo do ato psicanalítico em “Outros escritos” p. 379. Certamente não se trataria de ilegibilidade, mas de forçar “o leitor a uma consequência em que ele precise colocar algo de si” como ele escreve na abertura de seus “Escritos” p. 11 (O.E e E pela JZE).*
10. *“É nisso que o método dos comentários se revela fecundo. Comentar um texto é como fazer uma análise” . Lacan. Sem. “Os escritos técnicos de Freud”JZE p. 90. O “como” merece destaque, pois comentar ou escrever um texto não são análise.*
11. *“Não há (relação sexual), (...) é a fórmula que eu lhes repito (...) ela só se sustenta pelo escrito, precisamente, e pelo escrito por isso: porque a relação sexual não pode se escrever” . Encore, versão ELF p. 101.*
12. *“será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual e que a escrita como tal é possível, ou seja, que há um certo efeito do discurso e que se chama a escrita” idem p. 101. Não se escreve o que não há?*
13. *“pode-se escrever xRy e dizer que x é o homem, y é a mulher e R é a relação sexual” . Idem p. 102. Não há proporção/equivalência onde $x + y/n_1+n_2+n_3... \neq 1$.*
14. *“As fezes, o filho, o pênis, assim resultam numa unidade, um conceito inconsciente (...) o de pequeno separável do corpo...” . Freud. Da história de uma neurose infantil o homem dos lobos). AE 17 p. 78.*
15. *“Isso quer dizer que esse gozo em que ela é “não toda”, isto é, que em algum lugar a faz ausente dela mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará aí a rolha desse pequeno a que será seu filho” . Lacan, Encore versão ELF p. 102.*
16. Poema de Antoine Tudal citado por Lacan em “Função e campo da fala e da linguagem” em 1953. Escritos p.290